

**Morra,
amor** Romance



Ariana Harwicz

**Morra,
amor** Romance

TRADUÇÃO

Francesca Angiolillo

6., instante





Eu me reclinei na grama entre árvores caídas e o sol que aquece a palma da minha mão me deu a impressão de ter uma faca com a qual ia me esvaír em sangue com um corte ágil na jugular. Ao fundo, no cenário de uma casa entre decadente e familiar, podia sentir as vozes do meu filho e do meu marido. Os dois nus. Os dois chapinhando na piscina de plástico azul, com água a trinta e cinco graus. Era um domingo véspera de feriado. Estava a poucos passos deles, escondida entre as ervas daninhas. Eu os espiava. Como é que eu, uma mulher fraca e malsã que sonha com uma faca na mão, era mãe e esposa desses dois indivíduos? O que fazer? Escondi o corpo afundando na terra. Não ia matá-los. Deixei cair a faca. Fui pendurar a roupa como se nada. Prendi bem as meias do meu bebê e do meu homem. As cuecas e as camisas. Eu me vi como uma caipira ignorante que pendura roupa e seca as mãos na saia antes de entrar na cozinha. Não notaram. Essa pendurada de roupas foi um sucesso. Voltei a me recostar entre os troncos. Já estão cortando madeira para a próxima estação. Os homens aqui se preparam para o inverno como os animais. Não nos distinguimos em nada uns dos outros. Eu mesma, letrada e formada na universidade, sou mais animal que essas raposas desenganadas com a cara tingida de vermelho e um pau atravessando a boca de par em par. A poucos quilômetros

daqui, meu vizinho Frank, o primeiro de sete irmãos, meteu um tiro de espingarda na fuça no Natal passado. Uma linda surpresinha para sua tribo de filhos. O cara seguiu a tradição. Suicídio com espingarda pro tataravô, bisavô, avô e pai, no mínimo dava para achar que era a vez dele. E eu? Uma mulher normal, de família normal, mas uma excêntrica, perdida, mãe de um filho e com outro, quem sabe a esta altura, a caminho. Enfiei devagarinho a mão na calcinha. E pensar que sou a encarregada de zelar pela educação do meu filho. Meu marido me chama para umas cervejinhas no caramanchão, pergunta se escura ou clara. Parece que o bebê fez cocô e tenho que ir comprar o bolo do aniversário dele. Outras mães com certeza preparam elas mesmas o bolo. Seis meses, dizem que não é igual a cinco ou sete. Toda vez que olho pra ele me lembro do meu marido atrás de mim, quase gozando nas minhas costas, quando deu na telha dele me virar e entrar, no último segundo. Se não fosse esse gesto de me virar, se eu tivesse fechado as pernas, se tivesse agarrado o pau dele, não teria que ir à padaria comprar o bolo de creme ou de chocolate e as velinhas, meio ano já. As outras um segundo depois de parirem dizem, já não imagino minha vida sem ele, é como se ele estivesse sempre estado comigo, pfff. Já vou, amor! Quero gritar, mas me afundo mais ainda na terra sulcada.

Quero grunhir, berrar e, em vez disso, deixo que os mosquitos me piquem, que se deleitem com minha pele açucarada. O sol me devolve

o reflexo prateado da faca na mão e me cega. O céu está vermelho, roxo, treme. Escuto me procurarem, o bebê cagado e o marido pelado. Ma-ma, ta-ta, ca-ca. É o meu bebê que fala, a noite toda. Co-co-na-na-ba-ba. Aí estão. Deixo a faca no capinzal queimado, espero que, quando a encontre, pareça um bisturi, uma caneta, um alfinete. Levanto abrasada e incomodada com o formigamento entre as pernas. Clara ou escura?; a que você preferir, amor. Somos desses casais que usam mecanicamente a palavra “amor” até quando se detestam; amor, não quero ver você nunca mais. Estou indo, e sou uma falsa mulher do campo com uma saia vermelha de bolinhas e o cabelo cheio de pontas. Clara, manda, digo com meu sotaque. E eu sou uma mulher largada que tem cáries e não lê mais. Leia, idiota, digo a mim mesma, leia uma frase inteira. Aqui estamos, os três juntos para uma foto de família. Brindamos pela felicidade do bebê e bebemos as cervejas, meu filho no cadeirão mastiga uma folha. Enfio a mão na sua boca e ele reclama, me morde com as gengivas. Meu marido quer plantar uma árvore para dar ao bebê uma longa vida e não sei o que dizer, sorrio feito uma pata. Será que ele percebe? Com tantas mulheres belas e saudáveis na região, ele foi se enroscar logo comigo. Um caso clínico. Uma estrangeira. Alguém que deveria ser classificada como incurável. Que dia úmido, hem? Parece que vai longe, diz ele. Bebo da garrafa em longos goles e inspiro pelo nariz, querendo estar, exatamente, morta.



Estou no quarto do menino iluminada por uma luzinha azul, vejo meu mamilo que o sacia a cada sugada. Meu marido, eu me acostumei a chamá-lo assim, fuma lá fora, consigo escutar o sopro da fumaça em um ritmo regular, fffff, fffff. O bebê engasga com meu leite e eu o inclino sobre mim para que arroto, esse ar que fica preso no estômago dele, ar do meu leite, ar do meu peito, ar de dentro de mim. Depois do arrote cai como um peso morto, as mãos penduradas, as pálpebras alargadas, a respiração pesada. Eu o deito abraçado à minha echarpe e, enquanto o enrolo, Isadora Duncan. Quem tem qual vida. Em que corpo você está. Deixo de escutar a fumaça entre os dentes do meu cônjuge. Jogo fora a fralda pesada. Caminho até o janelão, sempre finjo que o atravesso e me corto toda, sempre quero cruzar minha própria sombra. Quando estou a ponto de trombar, paro, abro. Do lado de fora meu marido dá uma mijada cor de mate, dá para ver as gotas quentes e amareladas desenhando uma cascata no piso da garagem. Ele se vira, sorri para mim com as mãos no sexo flácido respingando e apaga a bituca que tem na boca com sua cascata de xixi. Vamos ver as estrelas? Nunca soube lhe explicar que as estrelas não me interessam. Que o que tem no

céu não me interessa. Que não estou nem aí pro telescópio que ele agora carrega com dificuldade para os fundos do terreno, quase na

descida para o bosque. Não quero contá-las, descobrir suas formas, ver qual é a mais brilhante, saber por que se chamam Três Marias ou colar de pérolas ou panela com cabo comprido. Ele instala sua joia de três pernas. Meu marido é um cara entusiasta. Está vendo o colar de pérolas? Sim, querido. Olha esses pontos luminosos, cintilantes, você não tem vontade de comê-los com os olhos?, são tão pequeninos, e pensar que, na verdade, são massas enormes. Não, pensei, não gosto de distorções. Nem ópticas nem sonoras, nem sensoriais, nem olfativas, nem cerebrais, não gosto de objetos negros no céu. Elas me enchem de energia, diz. Olha essa constelação e tenta pular de uma estrela para outra como se fosse uma pontezinha de troncos que se mexem... e olha essa cara, parece um esqueleto! Sua exaltação me faz mal. Ele me enlaça pelo ombro. Faz meses que não nos abraçamos. Nem damos as mãos, empurramos o carrinho ou carregamos o bebê. Está vendo a Ursa Maior e a Ursa Menor? Sim, claro, digo e o abraço, mas meus olhos se fixam no espaço sem estrelas, na ausência de luz. Diante do desafio do céu escuro que temos sobre nós, qualquer noite... Um cometa!, gritou e me soltou com a emoção. Não o vi passar. Tem que prestar atenção, só dá pra ver quando estão perto do sol, e por um curto período de tempo. Conseguiu ver seu percurso?, perguntou, chateado. Ato contínuo, acendeu um cigarro, a coisa é conseguir se orientar no céu. Olha esse grupo de estrelas, segue uma linha imaginária, está

vendo?, não é mais difícil do que ler um mapa de estrada e seguir a linha tracejada para não cair no mar. Achei que o menino estava chorando, mas toda noite eu o ouço chorar e, quando chego perto, é o silêncio total, como se tivesse gravado um fragmento do seu choro e se reproduzisse sozinho. Mas às vezes não ouço nada. Estou sentada no sofá, a poucos metros do seu quarto, vendo um programa de troca de casais, babás perfeitas, ou pintando as unhas, quando meu querido aparece com o calção meio arriado e me diz: por que ele não para de chorar?, o que ele quer?, a mãe é você, tem que saber. Não sei o que ele quer, digo, não tenho a menor ideia... A lua não te relaxa? Chega perto da lente, olha hoje porque amanhã já vai ser outra, essas crateras cinza, tenho vontade de comer ou de fumar a lua! Olhei a lua, mas, na verdade, me lembrei do som do choro, meu corpo se apartando, impaciente para que ele pare de chorar. Os conselhos que aquela jovem assistente social em domicílio me deu quando minha sogra me ligou assustada: “Se o seu filho chorar a ponto de lhe tirar o juízo e você sentir que está a ponto de perder o controle, fuja. Entregue a criança a outra pessoa e vá para um lugar onde possa recuperar a razão e a calma. Se, por outro lado, estiver sozinha e não tiver como entregá-lo a outra pessoa, fuja do mesmo jeito. Deixe a cria num lugar seguro e se afaste uns metros. Deveriam existir por aqui essas benzedeiças, essas camponesas que, pelo mesmo valor, resolvem a indigestão do teu macho e o

choro insistente do nenê. Eu teria gostado de estar na Apollo, você está me ouvindo?, ou em qualquer missão espacial... tá prestando atenção? Na Apollo, vendo a Terra ficando para trás... Shhh! Está chorando? Você ouviu mesmo ele chorar? Tô te falando da lua! A lua é como vocês, ela gosta de se esconder, diz, e eu penso nos passeios no colo horas e horas, com coreografias distintas, da agonia ao choro, do choro à agonia, penso nesse animal selvagem que é um filho, nisso de levar seu coração com o outro para sempre. Até que se encheu, fechou o telescópio e o levou para a garagem, para guardar com suas ferramentas, o trator do meu sogro e a canoa com seus remos. O bebezinho, como o chamam meus sogros, não estava chorando, o silêncio no seu quarto era tal que tive que tocá-lo para ver se estava vivo. Então voltei para a sala com seu janelão, andei direto até o reflexo e, pouco antes de me atravessar, abri. Meu marido estava fumando outro cigarro, tinha aberto seu segundo maço enquanto xingava tanto a lua como a mim. Vi a fumaça envolvê-lo, e isso me intimidou. A coisa mais agressiva que me disse em sete anos foi “se mostra”. Eu disse para ele no primeiro mês de namoro “considere-se um homem morto”. Ficamos parados um ao lado do outro sobre a geadada, a água da grama molhando a gente. Os pés aquosos. A terra revirada pelas toupeiras formava crateras. Ele não olhava mais para o alto, eu muito menos. Achei que um cometa tivesse passado por sobre nós, breve como tudo. Depois fomos

dormir, cada um na sua cama. Já me acostumei a dormir sozinha nesta casa que antes era um curral, seja lá o que isso signifique. Qualquer coisa forma uma família, soltei, enquanto meus olhos se fechavam.